

# Pantanal fluminense agora está no mapa

Parque Nacional de Jurubatiba, no Norte do estado, chama a atenção pela diversidade de cenários naturais

Adriana Castelo Branco e Paulo Roberto Araújo

• Tente compor a paisagem: de um lado, espelhos d'água que lembram o Pantanal matogrossense. Do outro, cactos e árvores espinhosas que parecem ter saído da caatinga. Para completar o cenário, acrescenta uma larga faixa de areia branca separando 44 quilômetros de praias virgens e 18 lagoas pontilhadas por aves migratórias que se revezam na tarefa de dar cor e som ao ambiente. Este paraíso existe e fica mais perto do que muita gente imagina. Mais precisamente a 240 quilômetros do Rio, espalhado pelos municípios de Macaé, Carapebus e Quissamã. É o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, uma unidade de conservação federal onde se pode chegar a pé, de jipe, bugre, barco ou ultraleve.

Interessado em divulgar os caminhos que levam à reserva, o presidente do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do estado (Crea-RJ), José Chacon de Assis, lança no próximo dia 17, em Quissamã, o Mapa Turístico do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba e Região. A intenção é incrementar o turismo e a economia do Norte Fluminense.

— A região tem um potencial ambiental, cultural e histórico impressionante e inexplorado. O visitante precisa de uma semana para conhecer toda a área mostrada no mapa, principalmente as lagoas e o canal Macaé-Campos, construído por escravos no século XIX — diz Chacon.

## Conselho regional é criado para divulgar a reserva

Enquanto a chegada do inverno se encarrega de deixar o parque vazio, empresários de turismo e representantes das prefeituras locais se esforçam para atrair a atenção das autoridades para o lugar. Na última quinta-feira, o presidente da TurisRio, Sérgio de Almeida, esteve em Quissamã para a reunião em que foi criado o Conselho Regional do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. O conselho vai atuar na conservação e na divulgação de pontos turísticos do Norte Fluminense. Nos dias 16 e 17 de julho, a TurisRio vai levar operadores de turismo para conhecer o local. O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, será um dos convidados.

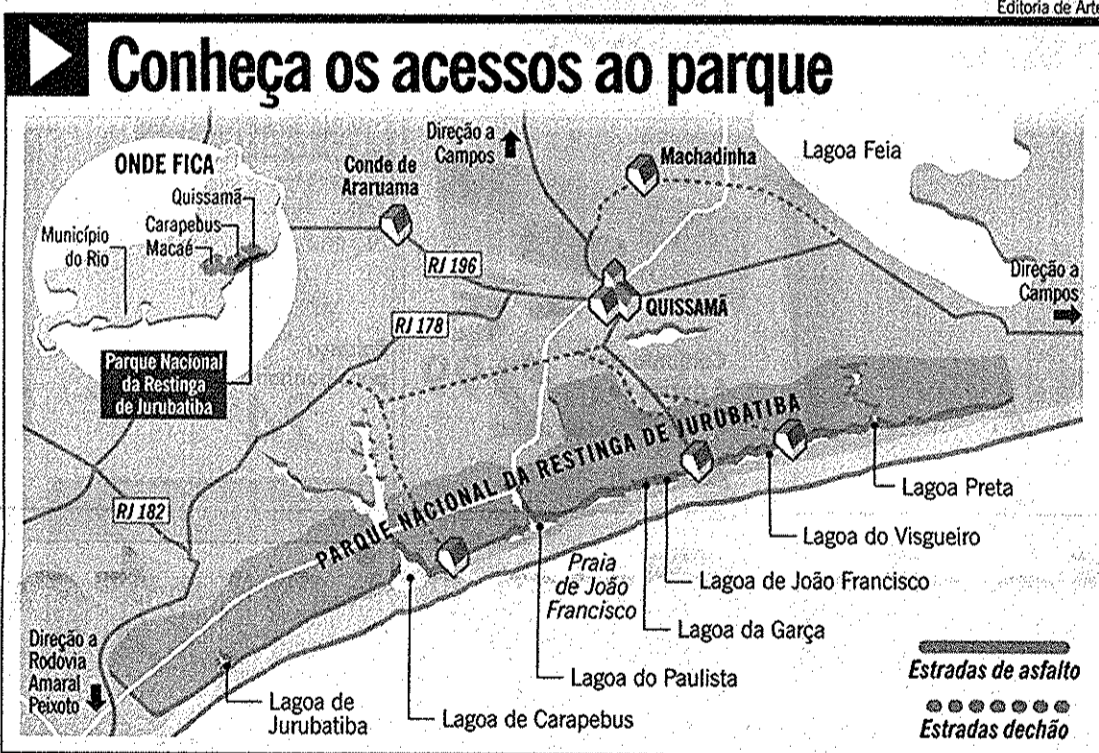
— No roteiro, estarão incluídos casarões históricos, o parque, as lagoas e os canais. Queremos mostrar o potencial da região, o verdadeiro pantanal fluminense. Vamos marcar o lançamento do mais novo produto turístico do estado — afirma Sérgio.

Para conhecer um pouco da elevada biodiversidade escondida entre os 123 quilômetros de perímetro do parque, só mesmo visitando o lugar. Difícil é escolher por onde começar o passeio.

De Barra do Furado, localidade com 900 moradores, pode-se partir de jipe e percorrer 11 quilômetros até a entrada do parque, marcada pelo farol de Quissamã. Margeando alagados habitados por garças, onde o vento nordeste sopra



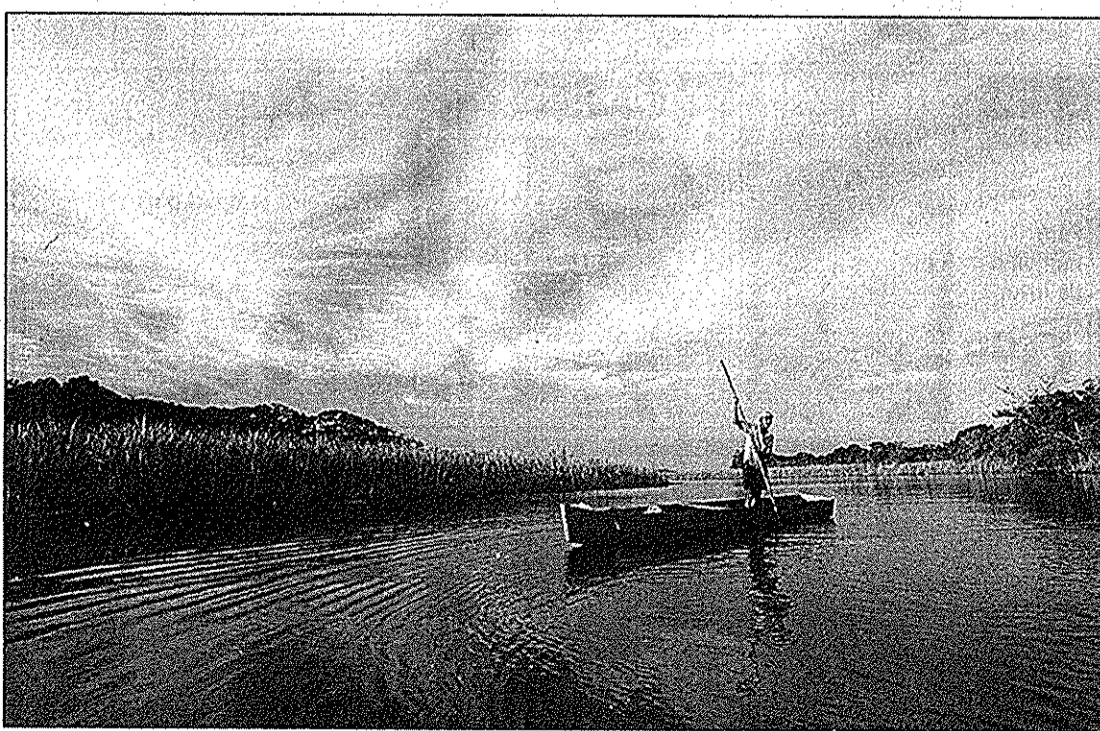
GERENTE DE UM HOTEL na região, Geraldo Maribondo consulta o novo mapa do Crea. Recomenda-se ao visitante não percorrer o lugar sem a companhia de um guia experiente



sem parar, o caminho é belo e tortuoso.

Apenas carros com tração nas quatro rodas e bugres têm acesso ao local. A areia fina e fofa, coberta por salsinha da praia, um matinho incômodo e espinhoso, impede a circulação de veículos comuns. O esforço, porém, compensa: são inúmeras as bromélias de pontas vermelhas, as clusias (árvores típicas de restinga), os pés de arará (frutinha amarela com gosto parecido com o da goiaba) e os cajueiros.

— É preciso ter cuidado, pois são muitas as trilhas do parque. Se o visitante quiser seguir para dentro dele, cruzando os trechos alagados, recomenda-se a companhia de um guia. É importante ressaltar que as praias, por serem de mar aberto, não são adequadas para banho — diz o gerente do Hotel Tuyuyú, Geraldo Maribondo Filho. Detalhe interessante: junto com a secretaria de Meio Ambiente de Quissamã, ele mantém um pequeno cercado para incubação de ovos de tartaruga na Praia de Barra do Furado. Os ovos são depositados no litoral entre outubro e fevereiro.



PESCADOR NUM DOS inúmeros canais que deságuam nas lagoas do Parque Nacional de Jurubatiba

Dentro do Parque de Jurubatiba, os ecossistemas são variados e servem de refúgio para papagaios Chauá, sabiás-da-praia, maguaris, socós, gaviões, lontras, capivaras e jacarés-do-papo-amarelo. Isso sem falar nas mais de 70 espécies de peixes encontradas

nas lagoas locais. A restinga, por sinal, é conhecida por concentrar o maior número de pesquisadores em atividade no litoral brasileiro, muitos deles vindos diretamente da Europa e dos Estados Unidos. — Temos um importante banco genético aqui, além de

plantas com propriedades medicinais. Em agosto, junto com as três prefeituras e biólogos da UFRJ, vamos concluir o Plano de Manejo do parque, determinando quais são as áreas de uso especial, restrito, público e de pesquisa. Teoricamente, a restinga não está

## Ecossistema diversificado

Restinga abriga 18 lagoas costeiras

• Criado em 29 de abril de 1998, o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba — terra das palmeiras, na língua dos índios goitacazes — tem 14.860 hectares, sendo 44 quilômetros de litoral. A restinga abriga 18 lagoas costeiras, entre elas as de Ubatuba, Preta, Pires, Visgueiro e Paulista. Lá são encontradas plantas costeiras, de dunas e de florestas inundadas e secas.

A planície arenosa do parque concentra ambientes aquáticos e anfíbios. Em al-

guns trechos, a vegetação se torna densa e espinhosa. As clusias, típicas da região, são amplamente usadas em paisagismo. Entre as espécies mais conhecidas estão bromélias, palmeiras-guriri e orquídeas.

— A maioria das espécies vegetais veio da Mata Atlântica e adaptaram-se ao calor, à salinidade e à seca — explica o coordenador do departamento de ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o biólogo Fábio Scarano.

aberta à visitação. Mas, por enquanto, não podemos controlar o acesso à área — explica o gerente do parque, o biólogo do Ibama Carlos Lamartine, que condena o mapa elaborado pelo Crea por não informar que muitos locais serão restritos ao público.

## Ibama tem dificuldade para controlar acesso

Até o plano de manejo ser concluído, o Ibama terá alguma dificuldade em monitorar o acesso aos 14 mil hectares do Parque de Jurubatiba, principalmente pelos inúmeros canais que cortam as lagoas de água salobra e cor escura. O professor do Instituto de Biologia da UFRJ, Francisco Esteves, observa que as lagoas de Jurubatiba constituem um santuário de animais único em todo o planeta. O que, em sua opinião, não representa obstáculo ao turismo ecológico.

— Das 18 lagoas, apenas duas não poderão ser usadas para a prática de esportes, já que abrigam espécies endêmicas. Essas só poderão ser liberadas para banho. Nada que impeça o desenvolvimento do turismo — diz ele. ■